



JOÃO
LEONEL
HISTÓRIA
DA LEITURA E
PROTESTANTISMO
BRASILEIRO

2ª EDIÇÃO
ATUALIZADA



Editora
Mackenzie

História da leitura e protestantismo brasileiro

Academack

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Reitor: Benedito Guimarães Aguiar Neto

Vice-reitor: Marco Tullio de Castro Vasconcelos

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Pró-reitora: Helena Bonito Pereira

EDITORA MACKENZIE

Conselho editorial

Helena Bonito Pereira (*Presidente*)

José Francisco Siqueira Neto

Leila Figueiredo de Miranda

Luciano Silva

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos

Moises Ari Zilber

Valter Luís Caldana Júnior

Wilson do Amaral Filho

História da leitura e protestantismo brasileiro

JOÃO LEONEL

2ª edição atualizada

© 2010 João Cesário Leonel Ferreira

© 2016 Editora Mackenzie

Coordenação editorial: Joana Figueiredo

Capa: Norberto Gaudêncio Jr.

Imagem de capa: John Bunyan. Ilustração de H. C. Selous e M. Paolo Priolo para o frontispício do livro *O peregrino* de John Bunyan (Cassell, c 1880). © Look and Learn.

Projeto gráfico: Acqua Estúdio Gráfico

Diagramação: Crayon Editorial

Preparação de texto: Carlos Villarruel

Revisão: Mônica de Aguiar Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Leonel, João
História da leitura e protestantismo brasileiro / João Leonel. -- 2. ed atual.
-- São Paulo : Editora Mackenzie, 2016.

Bibliografia.
ISBN 978-85-8293-524-8

1. Análise de textos 2. Bíblia - Leitura 3. Chartier, Roger, 1945- 4. Leitores 5. Leitura - História 6. Livros e leitura 7. Protestantismo 8. Protestantismo - Brasil - História 9. Ricoeur, Paul, 1913-2005 I. Título.

16-05624

CDD-280.40981

Índices para catálogo sistemático:

1. Leitura e protestantismo brasileiro :
História e crítica 280.40981

EDITORA MACKENZIE

Rua da Consolação, 930

Edifício João Calvino

São Paulo – SP – CEP 01302-907

Tel.: (5511) 2114-8774

editora@mackenzie.br | www.mackenzie.br/editora.html

Editora afiliada à:

ABEU
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Sumário

Apresentação 7

Marisa Lajolo

Introdução 15

- 1 Paul Ricoeur e Roger Chartier:
diálogo em torno do texto e do leitor 19
- 2 A formação do leitor protestante brasileiro
em meados do século XIX: análise de *O peregrino* 45
- 3 A influência da literatura ensaística no diário
de um missionário norte-americano no Brasil 65
- 4 O jornal *Imprensa Evangelica* e a formação
do leitor protestante brasileiro no século XIX 83
- 5 A leitura bíblica no contexto litúrgico: a formação do
leitor presbiteriano a partir de liturgias de uma igreja local 109
- 6 Pastores presbiterianos como leitores 171

Índice 212

Apresentação

História da leitura e protestantismo brasileiro de João Leonel é uma obra interessante e inovadora. Debruça-se sobre um tema muito oportuno – a leitura – e o circunscreve à comunidade protestante brasileira, recorte talvez sob medida para discussões que focalizam *livros e leitores*.

O primeiro de seus seis capítulos, “Paul Ricoeur e Roger Chartier: diálogo em torno do texto e do leitor”, expõe, de forma rigorosa e competente, os pressupostos nos quais se apoia a pesquisa da qual ele se originou. Com fôlego admirável e sem medo da primeira pessoa que ao longo dos capítulos amarra as discussões e encaminha as conclusões, João Leonel, fazendo Paul Ricoeur e Roger Chartier entabularem um diálogo muito produtivo, examina nuances nas noções de *texto* e de *leitor* em cada um desses pensadores. Essas noções são retomadas ao longo do livro, a propósito dos vários aspectos por meio dos quais diferentes práticas de leitura desenvolvidas em diferentes mo-

mentos e em diferentes instâncias do protestantismo brasileiro são analisadas.

A partir dessa abertura, o livro focaliza algumas cenas de leitura que tanto contribuem para uma compreensão mais detalhada de como o protestantismo chega ao Brasil, fixa-se e desenvolve-se no país, como também sugerem novas perspectivas para pesquisas sobre leitura.

No segundo capítulo “A formação do leitor protestante brasileiro em meados do século XIX: análise de *O peregrino*”, o olhar do leitor é levado à obra de John Bunyan, *The pilgrim's progress*, livro que foi e parece continuar sendo um sucesso de público.

Publicado em 1678, nasceu em um momento particularmente conturbado do cristianismo na Inglaterra, fragmentado em diferentes grupos, unidos talvez apenas pelas divergências com o catolicismo romano. A partir de dolorosas experiências de perseguição político-religiosa, John Bunyan escreve *The pilgrim's progress*, que, traduzido pelo primeiro missionário protestante a chegar ao Brasil, Robert Reid Kalley, circula inicialmente em folhetins do *Correio Mercantil* ao longo do ano de 1856 e, um ano depois, em livro. Na década seguinte, publica-se *Vida de John Bunyan* – traduzido por Sarah Poulton Kalley (esposa de Robert) – que tem uma edição de mil exemplares pela Casa Laemmert.

Em meados do século XIX brasileiro, edições dos (poucos) romances brasileiros (e portugueses) aqui vendidos não ultrapassavam, no melhor dos casos, dois ou três mil exemplares, o que tornam significativos os mil exemplares da *Vida de John Bunyan* e reforça a importância da narrativa nas práticas populares de leitura. *O peregrino* de Bunyan é uma longa alegoria da passagem do homem pelo mundo, em direção à Vida Eterna. Traduzido em diferentes lín-

guas, acredita-se que tenha influenciado Nuno Marques Pereira, português autor do *Compêndio narrativo do peregrino da América*. Como o livro de Bunyan, este é também uma alegoria moralizante, de fundo bíblico – agora católico –, publicado em Lisboa em 1728, e com várias reedições.

É bem possível, então, que os leitores da tradução de Kallley constituíssem uma comunidade já *seduzida* pelas sempre tão envolventes narrativas de viagens metafóricas. Até hoje, não são poucos os livros – e talvez Paulo Coelho seja o caso mais recente – que cifram, na metáfora da viagem, a construção de um itinerário espiritual do menos para o mais, do baixo para o alto, do homem para Deus.

Viagens são ainda o pano de fundo do terceiro capítulo do livro de João Leonel. “A influência da literatura ensaística no diário de um missionário norte-americano no Brasil” convida o leitor a contemplar diferentes percursos: o de Ashbel Green Simonton, primeiro da Pensilvânia para o Mississipi e seu retorno à Pensilvânia e, depois, dos Estados Unidos para o Brasil, aonde chegou em 1859. Na sequência desse traslado, outro traslado, agora de um livro para outro: a presença do livro *Essays by a series of letters* (John Foster, 1805) no *Diário* de Simonton.

Diários são, quase sempre, fonte inesgotável de prazer para os leitores e de informação para pesquisadores. Se os primeiros aí encontram uma irresistível promessa de entrada consentida na vida alheia, os segundos encontram registros muito preciosos que cobrem (ou prometem cobrir) desde a intimidade do redator até instâncias bem mais amplas, como sua comunidade e seu momento histórico. Ao lado disso, a importância do gênero, como fonte de autoconhecimento e do conhecimento do “outro”, não escapa a Foster; e Simonton – seu leitor atento

– aprende a lição: parece creditar a essa leitura não apenas a manutenção de um diário, mas também o tornar-se pastor e vir para o Brasil.

Nesse capítulo, então, o leitor acompanha viagens nada alegóricas, porém reais e históricas. O leitor de João Leonel lê, por sobre os ombros de Simonton, a leitura que este faz de Foster, constituindo o resultado um exemplar exercício de reflexão sobre metalinguagem e intertexto.

Esta nova edição vem ampliada com um novo capítulo. No quarto capítulo, aprofundando a discussão da importância da leitura no ideário protestante, João Leonel discute o perfil do primeiro jornal protestante a circular no Brasil: *Imprensa Evangelica*. Lançado em 6 de novembro de 1864, o jornal dura quase 30 anos. Quinzenal, circula até junho de 1892.

Na discussão, reflexões sutis e instigantes sobre efeitos de sentido de algumas seções do jornal, e – o que é sobremodo sugestivo – hipóteses sobre o perfil do leitor para o qual o jornal era composto e as estratégias de que lançava mão para atingir tais destinatários. Nesse aspecto, João Leonel vale-se de procedimentos analíticos formulados na área dos estudos literários, o que sublinha a vantagem de abordagens interdisciplinares, sobretudo quando o objeto da pesquisa são escritos voltados para um público relativamente indeterminado, a ser conquistado e fidelizado.

Se o segundo, o terceiro e quarto capítulos mergulham na recuperação de cenas leitoras do hoje tão longínquo século XIX, seduzindo leitores no resgate de um passado envolvido na neblina do tempo, os dois últimos tratam da época contemporânea. “A leitura bíblica no contexto litúrgico: a formação do leitor presbiteriano a partir de liturgias de uma igreja local” e

“Pastores presbiterianos como leitores”, respectivamente quinto e sexto capítulos, estudam práticas de leitura desenvolvidas e documentadas no seio do protestantismo brasileiro dos anos 1980 para a frente.

Descrevendo e discutindo textos de que se valem *liturgias* desenvolvidas em uma igreja presbiteriana de Campinas (SP) e, em seguida, analisando leituras feitas por dois pastores, João Leonel abre um promissor caminho para que a discussão sobre histórias, teorias, modos e práticas de leitura ganhe materialidade.

Na pesquisa das liturgias, por exemplo, é muito interessante constatar que os salmos são os textos mais frequentemente escolhidos para o exercício espiritual. A grande beleza desses textos antigos – que se mantém intacta até hoje – talvez explique o sucesso da aliança literatura-religião que o capítulo de João Leonel sugere ao longo de uma impecável análise do *gênero* salmo.

Coroando o percurso do passado para o presente (do século XIX ao XXI, e do afastado para o próximo: Inglaterra e Estados Unidos para o Brasil), o último capítulo detém-se nos registros de leitura de dois pastores, por meio do estudo de *relatórios* que, todos os anos, devem ser encaminhados aos superiores.

Nas linhas e entrelinhas, percebe-se o olhar do pesquisador cuidadoso, que sabe que a natureza pública de um documento (como são os relatórios) pode matizar seu conteúdo. Ou seja: nos relatórios analisados, João Leonel desentranha tanto os leitores históricos que os redigiram como as imagens que tais leitores fazem dos *leitores de seus relatórios*, como ainda as imagens presumidas que tais leitores têm dos *redatores dos relatórios*. Ou seja, trata-se de leituras e de leitores mutuamente concebidos e espelhados.

Nos relatórios, a convivência de leituras sagradas e leituras profanas – com o esperado predomínio das primeiras sobre as segundas – avizinha o laico e o religioso nas estantes e nos olhos dos pastores. Avizinha também leituras intensivas (da Bíblia) com leituras extensivas, fruto de interesses ocasionais. Euclides da Cunha, Zélia Gattai e Ken Follet – presentes no acervo de leituras de um dos pastores pesquisados – dificilmente serão relidos como zelosamente ambos os pesquisados registram que re-leram *mais uma vez* a Bíblia Sagrada.

Dentre os livros religiosos constantes da relação de ambos os pastores, o protagonista do segundo capítulo deste livro de João Leonel: o já conhecido John Bunyan e seu *The pilgrim's progress*, lido agora – provavelmente – em versão brasileira mais recente, mas sem dúvida, descendente daquela pioneira tradução de Kalley. Fecha-se, assim, de forma circular, o percurso das leituras protestantes das quais se ocupa este *História da leitura e protestantismo brasileiro*.

No momento em que o Brasil todo discute a baixa qualidade do ensino e o papel que a precariedade da leitura pode representar nesse diagnóstico, o olhar para práticas de leitura de um grupo muito específico da sociedade brasileira é inspirador.

O figurino conservador do contrarreformismo ibérico que modelou a colonização portuguesa talvez esteja na raiz da profundidade e extensão da ausência de práticas de leitura e de escrita na ex-colônia do império lusitano. Basta lembrar que o Brasil foi – de trás para a frente – o 12º país a dispor da imprensa, tão celebradamente atribuída a D. João VI. Mas a justa celebração de 1808 não pode esquecer que, no gesto de autorizar os prelos na colônia, D. João tinha em mente apenas criar condições mínimas para, da *América portuguesa*, gerenciar menos desconfortavelmente seu império.

Se os prelos foram então admitidos, as escolas continuaram raras e as práticas de leitura muito restritas. Restritas e censuradas na mesma tradição conservadora do catolicismo tridentino que entendia a leitura como prática a ser constantemente tutelada pelo clero católico. Daí a longa permanência da Bíblia católica em latim. Questões postas pela intermediação do latim na palavra de Deus ficam magnificamente expressas em uma passagem da peça *Frei Luis de Souza* (1844), de Almeida Garrett, ambientada no século XVII português. Numa cena antológica, Telmo Pais confia a Dona Madalena de Vilhena que

[...] isto de a Palavra de Deus estar assim noutra língua que a gente [...] que toda a gente não entende [...] confesso-vos que aquele mercador inglês da Rua Nova, que aqui vem às vezes, tem-me dito suas coisas que me quadram. [...] E Deus me perdoe! que eu creio que o homem é herege desta seita nova de Alemanha ou de Inglaterra. Será?

Se na voz de Telmo Pais o medo da *heresia da seita nova* não silencia a sedução da leitura da palavra de Deus em vernáculo, este livro de João Leonel abre portas para o conhecimento de *como* – quase ao mesmo tempo que Garrett punha tais palavras na boca de sua personagem – a palavra de Deus chegava ao outro lado do Atlântico, em vernáculo, gerando livros, leitores e leitura, num longo e profícuo percurso.

Marisa Lajolo



HISTÓRIA DA LEITURA E PROTESTANTISMO BRASILEIRO

A 2ª edição de *História da leitura e protestantismo brasileiro* aprofunda a discussão da importância da leitura no ideário protestante e analisa o perfil do primeiro jornal protestante a circular no Brasil: *Imprensa Evangelica*. Na discussão, reflexões sutis e instigantes sobre efeitos de sentido de algumas seções do jornal, e - o que é sobretudo sugestivo - hipóteses sobre o perfil do leitor para o qual o jornal era composto e as estratégias de que lançava mão para atingir tais destinatários.

No momento em que o Brasil todo discute a baixa qualidade do ensino e o papel que a precariedade da leitura pode representar nesse diagnóstico, o olhar para práticas de leitura de um grupo muito específico da sociedade brasileira é inspirador.

Profa. Marisa Lajolo

ISBN 978-85-8293-524-8



9 788582 193524 8

